

Papel, plástico, vidro, metal, orgânico, não reciclável

à turma do Clipe 2018

Depois de algumas sondas
arregaçando a uretra e a fé,
meu pai expeliu a pedra.

Ele apodrece e
a pedra
não.

Ele vira verme e
a caixa em que guardo a pedra
não.

É preciso dar um fim pra isso:
Tomo muita, muita coragem:
Viro o copo de vodca
Digo pra mim mesmo
É preciso coragem
Desço as escadas do prédio
Com meu pai no bolso
É preciso coragem

São 6 latas, cada uma de uma cor:
Azul papel, Vermelho plástico, Verde vidro,
Amarelo metal, Marrom orgânico, Cinza não
reciclável.

Me pergunto em voz alta qual seria o lixo
apropriado para jogarmos nossas memórias
Se haveria uma hierarquia, um gradiente associado
ao teor emocional e de que cor seria tal recipiente.

Um homem passa com seu cão
Nenhum dos dois entende minha pergunta.

Coloco a mão no bolso
é preciso coragem
abro a caixa
a pedra está ali
incólume.

Engulo a filha da puta.

Diego Pansani

fluxos fluxos fluxos

«A poesia é sempre uma forma de resistência. A poesia é o não-aceitar fundamental – escreveu Sophia. Todos os contextos sociais, políticos, culturais foram repressivos, variando de grau de repressão. A poesia resiste à negação da vida, à injustiça. / Os poemas foram inventados para ajudar as pessoas a sobreviver. Os bebês, as crianças e os animais (isso acontece com os gatos) gostam muito de rimas. O prazer das rimas ajuda a lidar com o stress. Os adultos, não todos, também gostam de rimas. / A poesia é uma questão de casamentos de palavras e estes casamentos dão alegria, ânimo. Ao poeta e aos leitores. O prazer do texto ajuda a sobreviver. / Falo de rimas no sentido comum e num sentido amplo: atracção entre sons e entre imagens.» **Adília Lopes**

«Esa existencia “marginal” acerca la poesía a otras marginalidades que encuentran en el lenguaje poético un medio de expresión ideal. Por eso la poesía, en contextos sociales, políticos y culturales determinados, es el cauce más habitual y, en ocasiones efectivo, para expresar la resistencia, las reivindicaciones, la lucha, la denuncia... Otras características que suelen adjudicarse al género lírico (como su proximidad con la música, el ritmo, la excepcional relación del yo lírico con el lector, etc.) son la excusa perfecta para convertirse en la expresión base de la resistencia.» **María Lado**

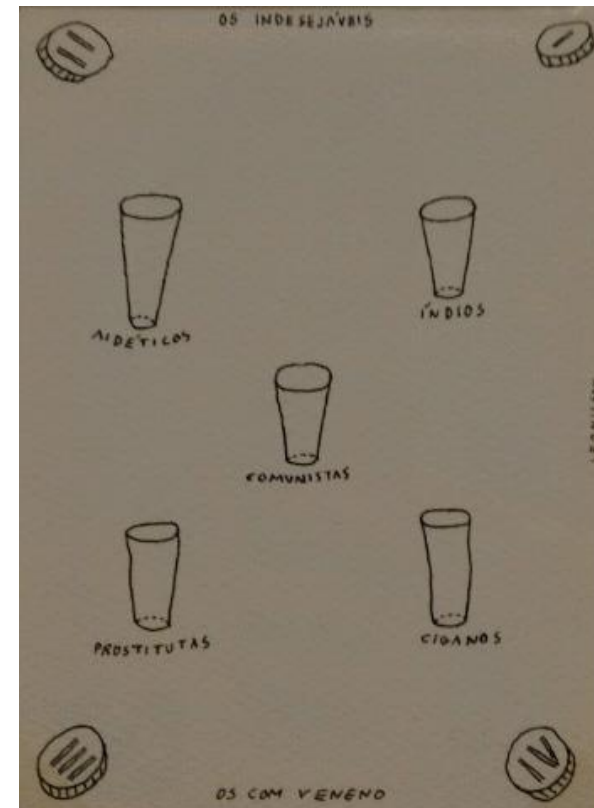
As respostas acima foram dadas ao **Inquérito Poesia e Resistência**, realizado pela rede internacional de pesquisa LyraCompoetics, que fez a diversos poetas brasileiros, portugueses e espanhóis a seguinte pergunta: *A poesia é uma forma de resistência? Sempre, por definição? Ou apenas em determinados contextos – sociais, políticos, culturais? Como pode resistir a poesia e a quê? Você pode ler todas as respostas em lyracompoetics.ilcml.com*

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | periodicidade temperamental | tiragem improvável
arquivos disponíveis em tarsodemelo.wordpress.com
reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado

FLUXOS

edição dez | julho de 2019



Leonilson
(sem título, 1991)

A travessia

terra terra terra à vista
eis as boias de ancoragem
como cruzeiros fincadas num campo

fileira de carimbos e assinaturas
anônimas, papéis amassados e retratos 3x4
o passe-partout para a fronteira
do futuro

on y est
on arrive
mais là-bas
on ne parle pas lingali

o sol é inimigo dos humanos,
desce como faca no rosto
em chamuscas dos que dormem
na proa

no sonho dos que flutuam
as rubras anêmonas na relva
são raros sopros de beleza

logo é preciso acordar e colar
os cacôs do dia:
pedrinhas, unhas e cachos de cabelo
são os sobreviventes ao espólio

os remendos de um país
que sangra e infecciona
à raiz da árvore palavra
ainda cravada no chão da boca

Prisca Agustoni

escorrem as gotas de orvalho
na esperança de lavar
a sujidade deste mundo

Matsuó Bashô
[trad. Joaquim M. Palma]

O Rompante

um dia um bebê chegou aqui que antes
mesmo de sair todo para fora e poder já sentir a dor

[hindu
dentro dele e a hebreia e a ilíada
decidiu que não ia parar de chorar nunca de jeito
[nenhum

até que fizessem alguma coisa ele não ia
desligar o horror nas suas frases gordas
e na lâmpada de luz quanto assassinato para se
[conseguir luz

e nas paredes agonia agonia pelos tijolos pelo verniz
ele ia continuar gritando

até que tornassem a morte pequena como ele
e a amassem também e a mandassem
de volta para desfazer tudo isso

e aconteceu
ele continuou gritando ele os assustou ele os viu
enchendo-se novamente de uma luz uterina como
[estádios

viu as lágrimas sugadas de volta à história os sorrisos
abrindo-se como sanduíches
então ele parou
e olhou para cima e disse tudo bem
agora está melhor
agora estou com fome e só quero dormir
e eles deixaram

C. K. Williams
[trad. Ricardo Rizzo]

Sombras

Sempre gostei
Das sombras das roupas no varal
O desenho que formam no chão
Uma certa tranquilidade
Das sombras
Que as roupas vivas
Já perderam

Heitor Ferraz Mello

Shola, mistura de pequinês e foxterrier, fala sobre os dias ruins

A vida tem uns dias ruins.
Dias que são ruins de verdade.
Mas fazer o quê?
Me escondo debaixo da cama.
Me escondo de verdade.
Aí vem Grogó e diz: Que tal um passeio?
E eu digo: Me deixa em paz!
Não vê que estou num dia ruim de verdade?
Depois vem Mary Au Au
querendo brincar de esconde-esconde
e eu digo: Me deixa em paz!
Não vê que estou num dia ruim de verdade?
Mais tarde os dois vêm juntos,
eles pedem, clamam, imploram:
E se a gente lesse uma história engraçada?
Não digo nada, fico em silêncio de verdade,
porque sou assim, tenho muita personalidade.
Por fim vem uma senhora e avisa:
Hora de sair de debaixo da cama,
sei que hoje é um dia ruim de verdade,
mas é que tem uma coisa que...
Que coisa? pergunto toda intrigada.
Ela responde: Preparei pra você
um prato com carne e arroz. Jogo fora?
Jogar fora? grito eu. Está louca ou o quê?
Saio do meu esconderijo,
corro em disparada até a cozinha,
toda regra tem seus escorpiões.

Bernardo Atxaga
[trad. Leonardo Gandolfi]

«Cada abertura revolucionária da ordem social tende a fechar-se novamente, mas deixa uma lembrança que já não consegue se harmonizar com a consolidação restauradora: uma cicatriz permanente na consciência.» (Hans Magnus Enzensberger, “Uma teoria do turismo”, 1958, trad. Lya Luft).